

NOS 50 ANOS DA MORTE (1985)

Pessoa na ficção da pintura - aspectos de uma iconografia

Por EDUARDO PAZ BARROSO

Fernando Pessoa, poeta dividido e disseminado por várias razões de ser e outros tantos modos de existir, cedo se tornou uma presença excepcional na produção plástica portuguesa.

Relação e comunhão de imaginários inerentes à literatura e à pintura que havia também de inspirar uma iconografia que se quis e desejou acesso a uma reminiscência, o sonho trocado imagens, a vida substituída por ideias, multiplicidades abrigadas sobre a efígie de um Poeta sem vontade para tutelar as suas partes constituintes.

Almada, protagonista do abalo «sísmico» que a revista «Orpheu» proporciona a um tempo português introvertido por comodidade e delicado por apatia de costumes culturais, dá um «pontapé de saída», no melhor estilo, e de genica certa. Hoje o quadro é célebre, o «Retrato de Fernando Pessoa» que pertenceu ao restaurante «Irmãos Unidos» até ao dia em que aquele estabelecimento lisboeta fechou as suas portas. Vendido em leilão por mil e trezentos contos, foi, então, a obra de arte de um pintor vivo

vendida em Portugal por um preço mais elevado. Elevação de mercado mesmo assim muito aquém da «elevação espiritual» que o quadro de Almada Negreiros trazia em si: imagem a corpo inteiro de um Pessoa completo e de objectos/signos satélites (a caneta, a chávena de café, a folha de papel, a mesa, o n.º 2 de Orpheu) que hoje possuem uma infinita força emblemática. Este e outros emblemas vão ser, muito depois, remexidos até às entranhas por outro artista — Costa Pinheiro — que os exporá em êxtase poético como inter-relação com o seu visionário gesto

JORNAL DE NOTÍCIAS
30/11/1985



Xilogravura de Manuel Cabanas.

30-11-85

JN

Um expoente eu

Quando Fernando Pessoa morreu, faz hoje precisamente cinquenta anos, os jornais da época dedicaram ao facto uma discreta notícia. Hoje, no aniversário quinquagésimo da morte do poeta, os jornais multiplicam-se em referências, a Rádio faz programas *non stop* sobre a sua obra e a Televisão dedica espaço razoável a efeméride.

Com propriedade se pode dizer que Pessoa está hoje mais vivo do que ha cinquenta anos. Em 1935, ele era estimado, lido e criticado por um círculo restrito de intelectuais; hoje cinstitui não apenas um ponto de referência, como se converteu num verdadeiro mito, carregado de facetas paradoxais, sugerindo vias para a leitura e digestão das questões fundas da modernidade. «Como pôde um Poeta que subverteu os fundamentos do nosso moderno lirismo efusivo e sentimental, o nosso coração a tiracolo, o nosso heroísmo de emenda por conta de Cambés, a nossa vida toda em diminutivos, ter-se convertido no idolo que agora tem o seu nome?» — perguntava-se, ainda há dias,



Pessoa na arte postal

pessoa-85



«O poeta é um fingidor» — a frase é conhecida, e mais conhecida é agora, que 187 artistas de vários cantos e recantos do Mundo que já não é «redondo» a descobriram de um modo original. São os participantes na exposição organizada pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Uma exposição de arte postal, precisamente subordinada ao título que o verso pessoano lhe emprestou. Os números, mas também a qualidade e originalidade das participações, dizem tratar-se de um sucesso, e a bem dizer um sucesso duplo: uma forma de evocar Pessoa sem excessivos dispêndios, uma chamada de atenção para a arte postal, que muitos desconhecem, e que definiu um significativo campo de acção a partir da década de 60. Não são só, ou apenas, postais, aquilo que de muitos lugares chegou à AJHLP. Objectos diversos, desde que transportáveis pelo correio, tais como poemas, fotografias, colagens, montagens, etc. A coordenação geral desta exposição foi de Abílio José Santos que juntamente com os vários convites que fez mandou traduções de poemas de Fernando Pessoa. As respostas não se fizeram esperar. A exposição abre hoje, às 11 horas da manhã, na sede da associação, Rua de Rodrigues Sampaio. Bom proveito.

JORNAL DE NOTÍCIAS
30/11/1985

Fernando Pessoa | 9

ropeu da literatura deste século

Eduardo Lourenço, num ensaio publicado no *Jornal das Letras*. Como pôde o poeta Pessoa ter-se desdobrado numa tão variegada gama de pessoas poéticas ao ponto de ter tornado quase popular a palavra esdrúxula *heteronímia*?

Cabe certamente a comunicação social um importante papel no estabelecimento de uma real comunicação entre os criadores, desigualmente literários, e o grande público, especialmente daqueles que, pela sua capacidade de mergulhar nas coordenadas do seu tempo se projectaram, de algum modo, para além do tempo.

Por isso, o JN não podia faltar a este dia especial de encontro com o poeta Pessoa. Por isso preparamos um vasto conjunto de abordagens que, embora não pretendam esgotar uma realidade e uma problemática de si inesgotável, procuram proporcionar uma aproximação à riqueza de Fernando Pessoa.

Quis o acaso que caíssem em 1985 duas efemérides de monta: aquela a que já nos

aludindo e a já celebrada (a 13 de Setembro passado), do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro, acontecimento a que este Jornal dedicou especial atenção.

Esta curiosa coincidência poderia ser assumida como um verdadeiro itinerário de reflexão cultural, que procurasse pôr em diálogo a dimensão universal com a regional e local. Trata-se, sem dúvida, de uma problemática central da nossa actualidade, especialmente num momento em que se perspectiva a inserção de Portugal no espaço europeu.

Esta proposta de reflexão teria, pelo menos, o condão de questionar certo tipo de homenagens que tendem, com demasiada frequência, a reduzir, quando não mesmo exterminar, a actualidade das mensagens legadas pelos homenageados. Alí fica, pois, o desafio, no preciso dia em que se evoca a vida e obra de Fernando Pessoa, considerado um dos maiores poetas europeus do nosso século.

MANUEL PINTO